



O MAR É MEU IRMÃO: A PSICODINÂMICA DO TRABALHO QUE EMERGE DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE PESCADORES ARTESANAIS

THE SEA IS MY BROTHER: THE PSYCHODYNAMICS OF WORK THAT EMERGES FROM THE LIFE STORIES OF ARTISANAL FISHERMEN

Ana Zenilce Moreira¹

Ana Cristina Batista dos Santos²

Resumo: O objetivo deste estudo foi compreender a psicodinâmica do trabalho de pescadores artesanais a partir das suas histórias de vida. A pesquisa se pautou no referencial teórico-analítico da Psicodinâmica do Trabalho (PDT), contextualizando os processos objetivos, subjetivos e sociais do trabalho no mar. Foram realizadas treze entrevistas cujas análises ocorreram de acordo com os fundamentos da Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), a fim de integrar conhecimentos a respeito da psicodinâmica do trabalho dos sujeitos ao longo das suas trajetórias biográficas. No campo, foram visitadas nove praias, situadas na capital e nos litorais leste e oeste do estado do Ceará. Os resultados obtidos foram agrupados em cinco temas empíricos de análise e discutidos com categorias teóricas da PDT, caracterizando o trabalhar de uma categoria profissional ameaçada, bem como os seus modos de vida, embutidos na singularidade da tradição costeira e com forte entrelaçamento cultural.

Palavras-chave: Pescadores artesanais; Histórias de vida; Psicodinâmica do Trabalho.

Abstract: The aim of this study was to examine the psychodynamics of work among artisanal fishermen through their life stories. The research was framed within the theoretical-analytical framework of Psychodynamics of Work (POW), contextualizing the objective, subjective, and social processes of work at sea. Thirteen interviews were conducted, and the analyses were carried out according to the principles of the Analysis of Nuclei of Meaning (ANS), with the goal of integrating knowledge about the work psychodynamics of the participants throughout their biographical trajectories. Fieldwork took place across nine beaches located in the capital and on the eastern and western coasts of the state of Ceará, in northeastern Brazil. The findings were organized into five empirical themes and discussed in light of POW theoretical categories, portraying both the work of a threatened professional group and their ways of life, deeply rooted in the singularity of coastal traditions and strongly interwoven with cultural elements.

Keywords: Artisanal fishermen; Life stories; Psychodynamics of Work.

1 Introdução

A concepção dos oceanos como ativos estratégicos é histórica, acompanhando os avanços tecnológicos e transformações da humanidade. Projeções da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) estimam um valor agregado de US\$3 trilhões e 40 milhões de empregos diretos, até 2030, para a Economia dos Oceanos, dirigindo-se a um desenvolvimento promissor de territórios marítimos (Beirão; Marques;

¹ Doutora em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: zenilce.moreira@uece.br

² Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente e pesquisadora na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: ana.batista@uece.br



Ruschel, 2020). No contexto nacional, dados da Associação Brasileira de Psicultura revelaram que, em 2022, a produção de peixes de cultivo cresceu 2,3% em relação à registrada no ano anterior, totalizando a marca de 860.355 toneladas. Outros dados apontaram um crescimento de 15% no faturamento das exportações, alcançando a marca de U\$23,8 milhões, sendo os Estados Unidos o principal destino (Peixe BR, 2023).

Apesar do crescimento econômico do setor e, segundo Østergaard, Jepsen e Berg-Beckhoff (2016), de desenvolvimentos positivos do ambiente físico de trabalho e da cultura de segurança na indústria pesqueira nos últimos anos, a realidade dos pescadores ainda é permeada por elevados níveis de cargas de trabalho, muitas vezes diante de situações perigosas e extenuantes, flutuação econômica e condições ergonômicas subótimas, etc. (Østergaard *et al.*, 2016; Santiago *et al.*, 2021). Frente a essa realidade, muitos ainda veem a pesca como um trabalho com alto grau de incertezas, tradicionalmente associado à insegurança, à pobreza e à infelicidade (Anna *et al.*, 2019).

Dados atuais da *International Labour Organization* (ILO) revelam que mais de 58 milhões de pessoas estão envolvidas no setor primário da pesca de captura e da aquicultura (2023). A divisão de Segurança e Saúde Ocupacional da ILO estima que 24.000 mortes ocorrem em todo o mundo por ano na pesca, o que aponta um valor mais de dez vezes maior que no transporte mercante e de passageiros, segundo a *Eurofish Magazine* (2023). Outro agravante, revelado por Teh *et al.* (2020), expõe que os rendimentos dos pescadores estão abaixo do limite nacional de pobreza em 34% dos países com dados. Convém trazer a informação de que “não é universalmente verdade que os pescadores de um determinado país pertençam ao grupo dos rendimentos mais baixos”, segundo mostram Teh *et al.* (2020, p. 10).

Da literatura internacional, Davis (2012) evidenciou que mais de um terço das mortes na pesca ocorriam por quedas ao mar, em que mais da metade dos pescadores trabalhavam sozinhos e nenhum usava dispositivos de flutuação pessoais no momento do acidente. Segundo estudo de Frantzeskou, Jensen e Linos (2014, p. 3), no qual analisaram pesquisas da Turquia, Escócia, Espanha, Dinamarca e Grécia, “as condições de trabalho no mar dificultam, muitas vezes, a implementação de programas capazes de ajudar os trabalhadores da pesca. Além do mais, um baixo nível de escolaridade representa outra causa de negligência nas medidas preventivas”. Esse problema também foi discutido por Chen *et al.* (2020), destacando que o governo chinês tem oferecido inúmeros treinamentos para essa categoria de profissionais, mas que o baixo nível de escolaridade de pescadores com idade já avançada impede a efetividade de tais ações.



No cenário brasileiro, Abreu *et al.* (2022) identificaram que uma baixa escolaridade traz riscos para a qualidade de vida do pescador e dos seus familiares, uma vez que pode afetar a situação socioeconômica, isso porque eles “podem ter dificuldades em se organizar enquanto grupo na busca pelos seus direitos” (p. 70). Estudos de Da Silva e Da Silva (2020) e Martins, Sales e Da Silva Maciel (2022) observaram que a baixa escolaridade é resultado do ingresso precoce na pesca, e aumenta a vulnerabilidade e a exposição dos sujeitos a inúmeras doenças.

Por outro lado, Holland, Abbott e Norman (2020), ao estudarem acerca da identidade, do bem-estar e da satisfação no trabalho de pescadores, encontraram que estes sujeitos “tendem a priorizar as características de sua ocupação que satisfazem necessidades associadas à autoatualização e à estima” (p. 2). Dentre elas, os autores destacaram: o trabalho ao ar livre e o senso de desafio e aventura. Além disso, acrescenta-se que as experiências de pesca podem proporcionar uma fuga às pressões e às tensões da sociedade moderna (Young; Foale; Bellwood, 2016), assim como fortalecer os laços sociais com os familiares e a comunidade (Young *et al.*, 2016; Holland *et al.*, 2020; Karimah; Puspitawati, 2020).

Diante do exposto, mostrou-se pertinente a adoção da Psicodinâmica do Trabalho (PDT) como lente teórica do presente artigo, uma vez que tal teoria abrange estudos que aludem desde o sofrimento ao prazer no trabalho e dos adoecimentos mentais à realização de si mesmo (Dejours, 2013). Portanto, sua relevância para esta pesquisa destaca-se por meio da vinculação que se estabelece entre o trabalho, a subjetividade e a ação (Gemelli; Oltramari, 2020). A temática é indiscutivelmente relevante na contemporaneidade devido às múltiplas consequências positivas e/ou negativas que podem ocasionar nos sujeitos, tal como na forma que o trabalho é organizado, dividido e distribuído (Areosa, 2019).

A respeito do trabalho, foi considerada a perspectiva dos pares dialéticos, que compreendem: trabalho prescrito e real, *poiésis* e *arbeit*, coletivo e individual, além do trabalho vivo. Isso porque as relações interdependentes e as interferências do contexto sob o prisma da individualidade, dos grupos, das organizações e do ponto de vista social sobre a Saúde, assim como o trabalho, também são objetos de análises da Psicodinâmica do Trabalho (Ferreira, 2016), juntando-se às macrodimensões: Contexto (organização, condições e relações de trabalho); Dinâmicas; Vivências (prazer e sofrimento); e Estado (saúde e adoecimento) do trabalhador.



Desse modo, chegou-se ao seguinte problema de pesquisa: ‘Como se manifestam as macrodimensões da PDT e as tipologias do trabalho na história de vida de pescadores artesanais?’. Para respondê-la, definiu-se o objetivo: compreender a psicodinâmica do trabalho de pescadores artesanais a partir das suas histórias de vida no Ceará.

Considerando a realidade descrita, busca-se realizar uma investigação que possa fornecer uma visão mais holística acerca de como o bem-estar humano é afetado pela gestão dos recursos marinhos, considerando para tanto as histórias de vida de pescadores (Holland *et al.*, 2020). Justifica-se, ainda, a realização deste artigo a partir da necessidade apontada por Anna *et al.* (2019) de explorar as vivências de pescadores de países em desenvolvimento, onde esses sujeitos também são negligenciados.

2 Fundamentação teórica

2.1 O trabalho de pescadores no mar

A importância dos oceanos para a humanidade revela-se em seu papel estratégico como local de descoberta, de trabalho, de negócios e de lazer, constituindo uma fonte rica em valores científicos, econômicos, culturais, artísticos, estéticos e espirituais (Beirão *et al.*, 2020). Responsável por gerar e fornecer benefícios materiais e não materiais (como o turismo), o mar é fonte de subsistência e bem-estar e é um meio de continuidade cultural para comunidades costeiras, indígenas, pescadores artesanais, etc. (Bennett, 2019).

Logo, ainda se desenvolve no mar um trabalhar fisicamente pesado e com uma carga de trabalho persistentemente alta. Para os pescadores, acrescenta-se a dificuldade que estes sujeitos enfrentam em traduzir os conhecimentos adquiridos acerca de técnicas adequadas de trabalho em suas rotinas na prática profissional (Østergaard *et al.*, 2016), trazendo danos à sua saúde. Segundo Chen *et al.* (2020), a vulnerabilidade dos pescadores aumenta quando associada à idade avançada, baixo nível educacional e baixa renda familiar.

Conforme Teh *et al.* (2020) destacam o fato de que existem discrepâncias entre os rendimentos dos pescadores de pequena e os de grande escala, principalmente os que vivem em países em desenvolvimento, dificultando, inclusive, o acesso daqueles a serviços de assistência social do governo. Giron-Nava *et al.* (2021, p. 8) reforçam que, apesar de grandes esforços e de uma variedade destes serviços em países ricos, poderá haver lugares onde os rendimentos da pesca “mesmo com uma pesca sustentável e

equitativa, não serão suficientes para garantir salários-mínimos dignos para todos os atuais pescadores”.

Em complemento, os resultados alcançados por Santiago *et al.* (2021) acrescentam à realidade de trabalho de pescadores no mar a exposição a condições climáticas severas, lesões físicas e privação do sono. Como exemplos de lesões físicas, já foram relatadas: a síndrome do túnel do carpo (Doza *et al.*, 2022), podendo ser consequência dos frequentes levantamentos de peso, puxões e flexões, associando-se à dor lombar e à lesão nos ombros; além disso, apontam-se perfurações, fraturas, pancadas, cortes, ataques ou mordidas de animais, hiperqueratose palmo-plantar e problemas cardiovasculares, respiratórios, nos olhos, rosto e ouvidos (Laraqui *et al.*, 2018; Bovbjerg *et al.*, 2019; Shrestha *et al.*, 2022).

Sob outra perspectiva, Young *et al.* (2016) ressaltaram os aspectos positivos da pesca por meio de temas como “prazer, escapismo e relaxamento”, em que os pescadores entrevistados defendem seu amor pela natureza e a possibilidade de observar e compreender o comportamento dos peixes e a vida marinha, enfatizando a vivência de interações únicas, o que lhes permite clarear e refrescar a mente.

Trimble e Johnson (2013) encontraram resultados compatíveis com uma literatura ampla de países desenvolvidos e em desenvolvimento, que apresentam a pesca como um modo de vida e não apenas como um trabalho. Nesse sentido, os sujeitos que desenvolvem a atividade pesqueira artesanal podem vivenciar: uma liberdade intrínseca que leva à satisfação e ao bem-estar na ocupação (Trimble; Johnson, 2013); um prazer oriundo das interações com animais marinhos, como golfinhos (da Silva Machado *et al.*, 2019) e baleias (Seminara; Barbosa-Filho; Pendu, 2019); e mais especificamente, um prazer resultante das possibilidades de preservação da tradição e cultura locais, ao manter vivas as atividades diárias que compõem a pesca artesanal (Rocha; Perito; Lavarda, 2022).

Como um meio para continuidade cultural, Santiago *et al.* (2021) explicaram que a maioria dos participantes de seu estudo ingressou na atividade pesqueira na infância por influência de familiares. Ramalho e Dos Santos (2018) destacaram que “a pesca artesanal é o espaço que se constrói pela sociabilidade gestada na parentela, ligando ao futuro de uns o passado de outros homens, dos pais e tios, padrinhos e avôs. Por esse quadro, a atividade da pesca foi sendo assimilada em um convívio cotidiano” (p. 262). Sobre o assunto, Rocha *et al.* (2022) também apontaram que o interesse em passar as práticas da pesca artesanal para as próximas gerações é um motivador de prazer dos pescadores.

Desse convívio, através das gerações, são transmitidos costumes profissionais, valores sociais, culturais e espirituais, etc., em ritos muito particulares da atividade pesqueira, preservando, inclusive, o uso de ferramentas e materiais na organização do trabalho, como tarrafas, redes de arrasto (arrastão), linhas de mão, anzóis, varas de pescar, arpão e espinhel (Mesquita; Isaac-Nahum, 2015; Abreu *et al.*, 2022). Por fim, é possível concluir que, de modo geral, nas pesquisas sobre o *trabalhar* de pescadores manifestam-se fortes noções de pertencimento que ajudam a moldar um *capital social* significativo e influente na identificação e satisfação dos sujeitos com o trabalho, o que contribui para a preservação, a sobrevivência e o desenvolvimento econômico de comunidades costeiras, abrangendo uma profusão de profissionais, como os filetadores, as marisqueiras, os botadores, os *merchants*, etc.

2.2 Psicodinâmica do trabalho

O trabalho, cuja dimensão técnica é enquadrada pelo contexto sociocultural, trata-se de experiência subjetiva com função psicológica e significância normativa, e não pode ser reduzido à simples adaptação do trabalhador à tarefa e à organização (Deranty, 2009). Na PDT, trabalho é a atividade coordenada formada pelo poder de sentir, de pensar e de inventar, que pode contribuir para o enriquecimento subjetivo e social, proporcionar a construção de uma subjetividade fortalecida e o sentimento de autorrealização (Dejours, 2007), e para experiência positiva do coletivo (Dashtipour; Vidaillet, 2017; Marks, 2020).

Deranty (2009) ressalta que um dos aspectos mais interessantes dessa abordagem é o “ambíguo processo de despersonalização que acontece na atividade de trabalho, sendo sinônimo de dominação, falso reconhecimento e exploração” (p. 73). Dejours (1998, p. 140) sintetizou esse dilema afirmando que o trabalho pode: “gerar infelicidade, alienação e doenças mentais, mas também ser um mediador de autorrealização, sublimação e saúde”. Convém destacar que *sublimação* é uma estratégia defensiva-constructiva, que desperta o prazer e favorece a saúde mental do indivíduo (Alderson, 2004), todavia também pode ser desviada, interrompida ou, até mesmo, negada no trabalho (Marks, 2020).

Segundo Dejours (2012), *trabalhar* é, em primeiro caso, fracassar. Porém, é também mostrar-se capaz de suportar este fracasso, é tentar outros modos operatórios, é fracassar outra vez, é voltar à obra, é não a abandonar, é pensá-la fora do trabalho e

também aceitar certa invasão pela preocupação com o real e com a sua resistência (até mesmo no espaço privado), a ponto de não dormir à noite, e inclusive de sonhar com isso. O “real” de Dejours aponta para o aspecto objetivo que obstrui o processo de trabalho – é o “inesperado” – que pode incluir fadiga, falta de experiências e habilidades do trabalhador, quebras de máquinas e ferramentas etc. (Dashtipour; Vidaillet, 2017).

Essa discussão reflete a centralidade do trabalho dentro da PDT, evidenciando sua relação com diferentes tipologias, dentre as quais apresentam-se os pares dialéticos, que serão explicados a seguir: trabalho prescrito e real; do qual emerge o trabalho vivo; *poiésis* e *arbeit*; individual e coletivo. Antes, deve-se explicar que, para Dejours, algum tipo de sofrimento é inevitável a todos os tipos de trabalho, apesar de reconhecer que alguns são mais dolorosos do que outros (Dashtipour; Vidaillet, 2017).

Do primeiro par dialético, Areosa (2021) detalha que o trabalho prescrito compreende normas, regras e procedimentos e outros elementos que formam o *design* do trabalho. No entanto, para o autor: o trabalho prescrito “nunca consegue prever todas as circunstâncias, constrangimentos, dificuldades e obstáculos que a sua realização prática pode implicar” (p. 324), haja vista a *resistência do real*. Isso, em acréscimo, implica que empreender um trabalho real significa enfrentar riscos, a imprevisibilidade e a intratabilidade do real de forma engenhosa (Marks, 2020), sendo isso responsável pela emergência do trabalho vivo. Areosa (2021), por sua vez, concebe o trabalho vivo como a aplicação da inteligência dos trabalhadores às prescrições, para que o trabalho funcione. Em resumo, este trabalho é aquilo que preenche a lacuna entre o prescrito e o real. E para que possa existir, é preciso “recorrer à criatividade, empenho, esforço e sensibilidade dos trabalhadores” (Areosa, 2021, p. 325).

Sobre o trabalho *poiésis* (trabalho ordinário de produção), ao realizá-lo, podem emergir novas habilidades frente à experiência do real, com a condição de que tal provação de si seja complementada por um segundo trabalho (o *arbeit*) – de si sobre si mesmo ou de transformação de si (Dejours, 2012). Com isso, o trabalho *arbeit* refere-se a um “trabalho psíquico”. Dejours (2020, p. 197) acrescenta que “a inteligência que encontra ou inventa soluções para superar obstáculos, que a realidade do trabalho opõe ao domínio, implica a aquisição de novas competências que não existiam antes dele. Essas novas competências só podem ser adquiridas à custa de um trabalho sobre si mesmo (*arbeit*)”.

Do último par, de início, ressalta-se que o trabalho possui um papel essencial na formação da identidade individual e influencia na inserção social dos indivíduos. Assim,

o trabalho pode contribuir para a constituição das redes de relações sociais e das trocas afetivas e econômicas, que são a base da vida cotidiana das pessoas (Heloani; Lancman, 2004). Nesse sentido, pode-se caracterizar o trabalho individual como um saber-fazer/um modo singular de realizar tarefas.

Já o trabalho coletivo é, conforme Martins e Mendes (2012, p. 176), “construído em torno das regras de trabalho comuns, cuja construção deriva do próprio coletivo. Essas regras, além de ter uma perspectiva técnica, contêm regras sociais que organizam o viver juntos”. O entendimento do coletivo de trabalho é intrínseco à PDT. Essa abordagem exemplifica que pensar no coletivo remete à presença de um grupo ou de uma comunidade compostas por regras e códigos de conduta oriundos de compromissos e pactos ocorridos no coletivo de trabalho. Isso porque há regras originadas do trabalho prescrito que precisam ser integralizadas pelas regras manifestadas pelo real do trabalho, por regras informais e por intermédio das experiências e dos saberes práticos dos trabalhadores (Areosa, 2019).

É por isso que, nas análises do *contexto de trabalho*, manifestam-se as acepções psíquicas e a formação de relações intersubjetivas e de relações socioprofissionais, viabilizadas pelas condições de trabalho e interpostas pela organização do trabalho. Tal conjuntura contribui para o revigoramento da singularidade do sujeito, tendo em vista que o contexto do trabalho exerce influências sobre o prazer, assim como o sofrimento, os quais são características da subjetividade no trabalho. Essas vivências formam o sentido atribuído ao trabalho como subsequente das relações entre as condições subjetivas inerentes ao sujeito e as condições objetivas da realidade laboral (Freitas; Augusto; Mendes, 2014).

De modo mais específico, para a PDT, o contexto de trabalho é composto pela organização do trabalho, pelas condições de trabalho e pelas relações de trabalho. Dejours (1992) descreve que a organização do trabalho efetua sobre o homem uma determinada ação que afeta o aparelho psíquico, sendo caracterizada por dois processos principais: divisão do trabalho (que contempla elementos, tais como a operação prescrita e a distribuição de tarefas) e divisão de homens (que envolve a divisão de responsabilidades, hierarquia, comando e controle) (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 2007). Além do mais, a *organização do trabalho*, por causa das divisões técnicas e hierárquicas que estabelece, desencadeia efeitos no funcionamento psíquico, contrariamente às *condições de trabalho* (riscos físicos, químicos, biológicos etc.), que impactam na saúde do corpo (Gernet, 2016).



As condições de trabalho, por sua vez, são formadas pelos elementos estruturais presentes no lócus de produção e retratam a sua infraestrutura, o suporte e as rotinas administrativas. Essa dimensão é composta por elementos do ambiente físico, instrumentos, equipamentos, matéria-prima e suporte organizacional (Ferreira; Mendes, 2003), tendo por alvo o corpo biológico (Dejours, 2007).

As relações socioprofissionais apresentam a dimensão social do trabalho, sendo formadas por elementos interacionais que externam as relações interpessoais ocorridas no contexto de trabalho. Tal dimensão é formada por interações hierárquicas com as chefias, relacionamentos coletivos entre as equipes e grupos de trabalho e nas relações externas que ocorrem com consumidores, usuários e os representantes de instituições organizacionais (Ferreira; Mendes, 2003).

Dejours (2004) explica que o sujeito vivencia as *relações de trabalho* e com o trabalho a partir de um processo dinâmico de sofrimento e prazer, identificado pelo distanciamento do sofrimento e a demanda de prazer. Essa dinâmica é efeito da defrontação do sofrimento pela utilização de estratégias defensivas, as quais objetivam à negação ou à diminuição do sofrimento, ou ainda pela mobilização subjetiva, que ajuda e busca transformar as situações que geram sofrimento em situações de prazer.

Para este artigo, o prazer foi definido conforme Antloga, Mendes e Maia (2012), em que a sua vivência se associa: “ao reconhecimento e à apreciação do empregado pela organização do trabalho”, estando os resultados de prazer mais associados “à sublimação do que às mudanças do sofrimento em si” (p. 112). Por sua vez, o sofrimento é apresentado associado:

Às subutilizações do potencial técnico e da criatividade, à dureza hierárquica, à falta de participação na decisão, falta de valorização profissional, à interferência política e centralização das informações, às poucas perspectivas de crescimento profissional e ao individualismo entre os colegas de trabalho (Antloga *et al.*, 2012, p. 112).

Desse modo, o trabalho pode ser fonte de sofrimento, alienação, descompensações e mal-estar e, também, pode gerar satisfação, prazer, emancipação e reforço da identidade. A lente teórica da PDT trata exatamente das consequências do trabalho na saúde mental dos trabalhadores, mais notadamente no prazer que provoca ou no sofrimento que gera (Areosa, 2021). A PDT, pelos desenvolvimentos de Dejours, fornece evidências a respeito do envolvimento subjetivo dos trabalhadores, sua mobilização, suas estratégias de defesa e perspectivas de criação, bem como o adoecimento no desempenho de sua atividade (Cavanellas; Brito, 2019).



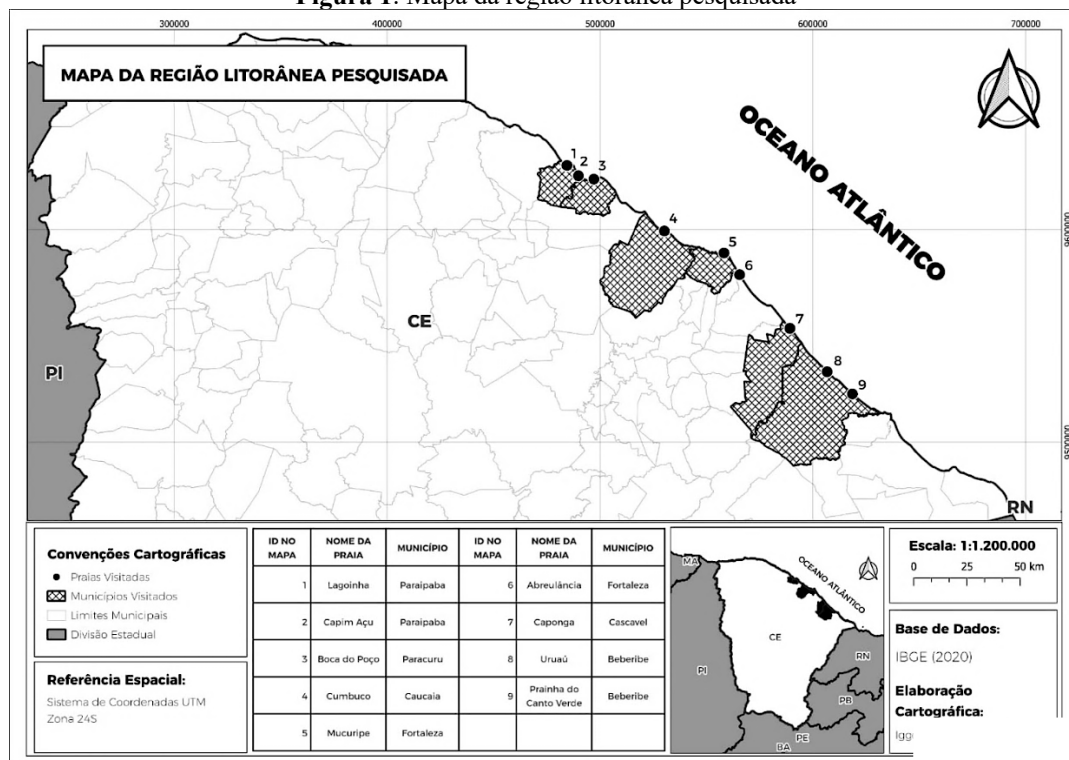
Devido às inúmeras dimensões psicodinâmicas envolvidas no *trabalhar*, a constituição de um ajustamento viável e evolutivo entre subjetividade e trabalho não é fácil (Dejours, 2004). Contudo, há sujeitos agindo em cenários mais favoráveis para o desenvolvimento da saúde, o que torna possível a reflexão e a transformação. Assim, é nessa direção que se pode pensar a questão do prazer no trabalho e a emancipação daqueles que trabalham (Sznclwar; Uchida; Lancman, 2011).

Por fim, entender os estados de trabalho envolve uma dualidade, em que ao mesmo tempo que o mundo do trabalho é fonte de sofrimento para o indivíduo, ao confrontar as pessoas com os desafios externos (podendo levar ao estado de adoecimento), será também, por outro lado, matriz de oportunidades de crescimento e de desenvolvimento psicossocial do adulto, favorecendo um estado de saúde. Se o trabalho leva ao sofrimento e ao adoecimento, esse mesmo trabalho pode se tornar uma fonte de prazer e de desenvolvimento humano do sujeito. Portanto, fica evidente que o trabalho e as relações que nele se originam nunca podem ser tomados como um espaço de neutralidade subjetiva ou social (Heloani; Lancman, 2004).

3 Método da pesquisa

Esta pesquisa apresenta os resultados obtidos a partir das histórias de vida de treze pescadores artesanais do estado do Ceará, a fim de integrar conhecimentos a respeito das psicodinâmicas do trabalho realizado no mar por esses sujeitos ao longo de suas trajetórias biográficas. Os locais de estudo onde as entrevistas foram realizadas, de forma presencial, estão situados em praias da capital Fortaleza, do Litoral Leste (Caponga, Prainha do Canto Verde e Uruaú) e do Litoral Oeste (Boca do Poço – Paracuru, Capim Açú, Cumbuco e Lagoinha) cearense. A Figura 1 apresenta um mapa da região litorânea pesquisada.

Figura 1: Mapa da região litorânea pesquisada



Fonte: Dados da pesquisa.

A técnica *bola de neve* foi aplicada para selecionar os participantes deste estudo, em que o primeiro pescador entrevistado se voluntariou diante da abordagem de uma das pesquisadoras durante visita à praia do Mucuripe. Em campo, a mesma pesquisadora se apresentava em pontos comerciais dos locais visitados e perguntava sobre os pescadores da região, os quais, conforme presenciado, encontravam-se, geralmente, reunidos à beira da praia, mesmo quando não estavam trabalhando. Cabe ressaltar que, por esse motivo e em conformidade com Young *et al.* (2016), as entrevistas foram conduzidas à beira-mar, em ambiente descontraído e conhecido dos sujeitos, buscando maximizar seu conforto e participação diante da situação de pesquisa. Em média, as entrevistas duraram 1 hora.

Young *et al.* (2016) ressaltam que o uso da entrevista semiestruturada possibilita e encoraja os participantes a responderem de forma mais detalhada e reflexiva, permitindo que o pesquisador possa adaptar a técnica às diferentes personalidades dos entrevistados e evitando o recebimento de respostas genéricas e impulsivas. Além do que, de acordo com os direcionamentos de Ciolek *et al.* (2018), para evitar interpretação equivocada, todas as abordagens/convites aos indivíduos foram realizados pessoalmente, garantindo aos treze pescadores tempo para tirar qualquer dúvida acerca da pesquisa e da entrevista.

A respeito do roteiro semiestruturado de perguntas, ele foi organizado da seguinte maneira: a) Perfil sociodemográfico; b) Trajetória de vida; c) Histórico profissional; e



d) Trabalho no mar. Assim, todos os entrevistados responderam a um conjunto de perguntas padronizadas, mas adaptadas ao fluxo narrativo de cada relato ouvido (Husband, 2020).

Quanto aos aspectos éticos desta pesquisa, todos os participantes foram orientados com relação ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE utilizado, aprovado pelo Comitê de Ética da universidade a qual estão vinculadas as autoras sob o número de protocolo 5.373.237. No caso dos dois respondentes analfabetos, uma das pesquisadoras anotou seus nomes por extenso, com o consentimento do entrevistado e gravação do áudio para a comprovação. Por isso, foram adotados pseudônimos na análise dos resultados, para assegurar o anonimato dos pescadores e a confidencialidade dos dados.

Dessa maneira, participaram da pesquisa pescadores com idades variando entre 30 e 76 anos. Quanto ao estado civil, os *status* abrangem: casados (6), solteiros (4), viúvos (1) e em união estável (2). A respeito da escolaridade, os registros são: Ensino Fundamental Incompleto (1), Ensino Fundamental Completo (4), Ensino Médio Incompleto (5), Ensino Médio Completo (1) e Analfabetos (2).

3.1 Análise dos dados

A pesquisa com histórias de vida faz parte da tradição fenomenológica, na qual os participantes narram um acontecimento pessoal tal como ele foi vivido. A técnica é capaz de “revelar como uma vida humana específica foi construída e reconstruída ao representá-la na forma de histórias” (Cypress, 2018, p. 305). A partir disso, “à medida que o narrador desenvolve a sua história, ele a coloca em relação a outras histórias, a outros agentes, e a contextualiza dentro da estrutura de processos socioculturais específicos” (Herrera, 2016, p. 282).

Entre as principais vantagens deste método, pode-se evidenciar a possibilidade de focar nos aspectos emocionais e performativos de experiências de trabalho, que permitem a teorização dos episódios narrados e, consequentemente, auxiliam na maior compreensão dos fenômenos investigados (Cassell; Bishop, 2019).

Considera-se aqui que a história de vida é o estudo dos modos como um fenômeno se constitui biograficamente na forma do sujeito (Cornejo *et al.*, 2008). Quanto ao uso do método biográfico, levou-se em consideração que “a relação entre o pesquisador e aquele que narra a sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de *confiança mútua*, que é construído ao longo de um processo” (Nogueira *et al.*, 2017, p.

468), buscando, portanto, evidenciar a “voz” dos participantes na construção da pesquisa, documentando experiências, acontecimentos e situações” (Weber, 2019, p. 43 e 51).

Nas análises do arcabouço de dados levantados, utilizou-se, também, a Análise dos Núcleos de Sentido (a ANS), “priorizando os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho” (Freitas; Augusto; Mendes, 2014, p. 42). A ANS baseia-se em um processo construtivo e interpretativo, por meio do qual são articulados e aglutinados, de uma forma exploratória, os conteúdos semelhantes, contraditórios e/ou complementares, na seguinte ordem: i) seleção das unidades de contexto; ii) identificação de núcleos de sentido; e iii) codificação e tematização. Logo, identificados indutivamente os temas empíricos, eles foram analisados à luz das categorias teóricas da PDT.

Foram selecionadas 88 unidades de contexto, resultando no seguinte agrupamento de temas empíricos para a análise: i) trabalho de gerações; ii) trabalho perigoso e incerto; iii) liberdade, aventura e esporte; iv) herança cultural; e v) espiritualidade.

O Quadro 1 apresenta os resultados dos testes de representatividade e consistência interna, que serviram para validar os cinco temas empíricos de análise, considerando os resultados acima de 60% e 10%, respectivamente. O teste de representatividade descreve a frequência de cada tema na totalidade das entrevistas, enquanto o de consistência interna consiste na relação entre as unidades de contexto dentro de cada tema e a totalidade das unidades de todo o processo de categorização.

Quadro 1: Testes de representatividade e consistência interna

Temas empíricos de análise	% Representatividade	% Consistência interna
a. Trabalho de gerações	11/13 (84,6%)	18/88 (20,4%)
b. Trabalho perigoso e incerto	13/13 (100%)	29/88 (32,9%)
c. Liberdade, Aventura e Esporte	08/13 (61,5%)	14/88 (15,9%)
d. Herança cultural	08/13 (61,5%)	12/88 (13,6%)
e. Espiritualidade	11/13 (84,6%)	15/88 (17,0%)

Fonte: as autoras.

A seguir, tem-se a apresentação e discussão dos resultados.

4 Apresentação e discussão dos resultados

4.1 Trabalho de gerações: “A família do meu pai toda era de pescador”

No começo da entrevista, quando perguntados sobre como e por quais motivos eles haviam se envolvido na pesca, a maioria dos entrevistados relembrou a influência

dos pais e do próprio ambiente onde eles nasceram e cresceram: *em beira de praia* (Petros). É como explica Yosef, “a família do meu pai toda era de pescador, foram oito pescadores. É uma cultura que já vem de pai pra filho”.

Nessa *cultura*, ser pescador envolve as realizações do trabalho de produção (ex. *Cinco peixes, seis peixes, o sujeito fica animado. Eu sou pegador de peixe!* – Noah; *O que eu achei bom e o que eu não esqueço, é o peixe, né?! – Evágon*) e a construção de si mesmo, por meio de um trabalho psíquico que se vale do poder de sentir, pensar e inventar (Dejours, 2007) para se fazer sujeito. É como explicou o pescador Jetro: “Na origem, na característica você é pescador. Meu pai era pescador e agora eu sou, então é usufruir dessa atividade, desse nome de pescador”, revelando aquilo que é subjetivo e inerente ao sujeito frente à realidade objetiva de trabalho (Freitas *et al.*, 2014).

O trabalhar na pesca artesanal revelou-se para além de um modo de vida (Trimble; Johnson, 2013), para compreender o exercício de uma *arte* que une gerações e ajuda a preservar conhecimentos e costumes que estão “no sangue” (Phillipos) daqueles que tiram da pesca o seu sustento. Entende-se o indivíduo através daquilo que é, de fato, gestado na parentela (Ramalho; dos Santos, 2018), aliado à compreensão do trabalho de pescador artesanal como um caminho não apenas para a autorrealização (Alderson, 2004; Dejours, 2007), mas também para uma experiência positiva do coletivo (Dashtipour; Vidaillet, 2017; Marks, 2020), uma vez que na pesca:

Encontrei uma forma de ajudar a minha família, ajudar a minha mãe, principalmente que nós éramos nove. Eu encontrei na pesca uma atividade de sobrevivência que agradeço muito [...] Sustentei minha família, e hoje estou empregado é através da pesca, do suor e da dedicação de dizer e se orgulhar em ser pescador sim. Só tenho que agradecer por ter sido um pescador e, dessa arte, trazer o meu sustento e da minha família (Pescador Jetro).

Os mais novos, que foram entrando na pesca, já vão acompanhando os mais idosos que, por sua vez, já aprenderam com seus pais, com seus avós e com os companheiros mais antigos que já nem existem mais. Eu mesmo comecei a pescar desde cedo (Pescador Hazáq).

Da fala de Jetro, nota-se a percepção individual de uma identificação e senso de pertencimento à profissão, que coloca o pescador como sujeito grato, orgulhoso e provedor, mostrando que o trabalho não apenas constitui trocas econômicas, assim como afetivas (Heloani; Lancman, 2004), que devem compor e organizar o viver juntos (Martins; Mendes, 2012; Areosa, 2019). O que pôde ser visto em falas, como: “Eu entrei na maré, porque eu achava bonito a pessoa pegar peixe” (Noah); “Aí, eu me dediquei pro mar. ‘Olha pai! Hoje, eu sou um profissional e sou garantido’. Graças a Deus!” (Petros); “A prática eu aprendi com meu pai... Tudo isso o pai da gente ensinou desde pequeno”

(Lewi); e “Gostoso é quando a gente tá trabalhando em família, né?! Graças a Deus, a gente trabalha em família e se dá muito bem” (Stephanus).

Portanto, o trabalho na pesca é multigeracional (Santiago *et al.*, 2021) e contempla a passagem de um saber-fazer que atravessa as prescrições e abrange desde o uso de instrumentos para determinar a profundidade do mar e escolher o ponto mais seguro para fundear a embarcação até a sabedoria para se orientar pelas estrelas, revelando nas entrelinhas do trabalho vivo a inteligência, a criatividade e a sensibilidade desses profissionais (Areosa, 2021). Ao serem questionados sobre tais práticas, os pescadores Jetro e Yosef responderam:

É a experiência! A gente tem instrumento artesanal, que é essa *chumbada* com essa linha, você arreia e você vai medir... ‘Rapaz, nós estamos aqui numa profundidade de 30 braças, vamos mais pra dentro um pouquinho’. Aí, a gente navega como daqui até o cais, aí arreia de novo o *prumo*, aí mede a água. A gente tem uma linha já medida, 30 braças faz uma marca, 40 braças faz uma marca, 60 braças faz uma marca. Então, a gente sai procurando e sai navegando, quando chega na posição, a gente começa a arreiar, chegemos em 40 braças tá bom, então vamos *afundear*. A gente sabe é através dessa linha (Pescador Jetro sobre o instrumento *prumo*).

[A navegação] ainda é na base dos planetas. À noite a gente sempre se orienta pelos astros. Cada um [astros] tem o seu momento. Porque de escuro não tem lua, mas tem as estrelas (Pescador Yosef).

Além de Yosef, outros pescadores também falaram sobre essa ‘orientação pelos astros’ durante a navegação. Jetro disse: “Aí, tem vezes que a estrela diz ‘óia, vai ventar, então vamos embora, porque amanhã vem muito vento e é melhor a gente ir *simbora* logo’”. Lewi detalhou que: “Agora à noite, a gente tem que observar os planetas. É o planeta que navega... Aí, a gente vai por ele. Tem um que nós não temos o nome, aí a gente colocou o nome dele de Estrela do Porto”.

Sob as lentes da PDT, esse *trabalho de gerações* revela a importância do contexto de trabalho, pautando-se, sobretudo, nas relações interpessoais que são construídas, não só no trabalhar, mas também na vida cotidiana. Na realidade investigada, o pescador desenvolve suas identidades na praia, tal como fizeram os seus pais, tios, avós, constituindo uma rede de solidariedade em que um ajuda o outro, seja pelo compartilhamento de pescados para subsistência (“É uma safra de peixe boa. Né só pra mim não, é pros meus amigos tudinho da praia” – Noah) seja pelos ensinamentos que ultrapassam as barreiras geracionais.

4.2 Trabalho perigoso e incerto: “*A gente sabe que vai, mas que volta, não*”

Ventos fortes, tempestades, exposição prolongada ao Sol, longas horas de trabalho ininterrupto e riscos de acidentes com embarcações maiores, são alguns dos elementos que caracterizam os perigos da atividade do pescador artesanal. Conforme já exposto por Østergaard *et al.* (2016) e Santiago *et al.* (2021), entre outros, os pescadores experienciam situações laborais extremas que distanciam o sujeito da autorrealização e o aproximam do fracasso. O que pode ser acessado nos relatos do pescador Zion: “O trabalho mais perigoso é o do mar. O do mar é cruel demais. Tem dias lá que dá vontade de chorar”; e “É uma batalha difícil, quase que você se esconde. Porque é um sofrimento. O pescador se entristece quando ele não pesca”.

Essa falta de produção é gatilho de sofrimento, uma vez que o pescador encontra beleza naquilo que retira do mar. É o pescado que lhe dá prazer (além do aspecto financeiro). Como um meio para a sobrevivência, o trabalho assegura o pagamento de contas, a moradia, o estudo dos filhos e o alimento. Outrossim, é pelas vias do trabalho de produção, e mais especificamente dos frutos dele, que o sujeito se realiza verdadeiramente. Mas quando tal realização é impedida, o pescador se sente frustrado e até mesmo envergonhado, como pode ser visto nos seguintes relatos:

Às vezes, você chega no mar e não pode pegar o peixe, às vezes volta sem nada, porque a água corre tanto, que o peso que você bota na linha com a isca nos anzóis topa [enrosca] na boia, então é a hora de ir embora. Vamos correr mais pra terra, porque a água está correndo demais. É perigoso até, Deus defenda, cair na água, se não tiver o socorro ligeiro, ninguém pega mais essa pessoa (Pescador Jetro).

A gente se obriga a ir, porque a gente sobrevive no mar. A gente se obriga a ir, não quer saber se tem vento, entendeu?! Tem que ir. Mas a época de vento rasga a vela, quebra pau, gira a gente. Uma hora a jangada vai lá e se afunda. É uma adrenalina. Tem que despescar o material (Pescador Zion).

Se trabalha em uma embarcação e não tem produção, logo o proprietário da embarcação, se não for dele mesmo, logo o proprietário trata de arrumar um outro para ter produção. É porque a pesca é um jogo. Você nunca vai naquela certeza de levar e de trazer... Tem dias que dá muito bom, mas tem dias que você não traz nem pro recém-nascido. E a gente fica um pouco constrangido disso, porque a pessoa não tem um retorno, né?! (Pescador Yosef).

Das falas destacadas, é perceptível o perigo e a incerteza vivenciados no trabalho dos pescadores no mar, ilustrando o risco de afogamentos por ação das correntezas e do próprio vento; a necessidade de devolver o pescado para o mar (e, a depender da situação, os instrumentos e materiais de trabalho também), para evitar que a embarcação afunde ou vire; o constrangimento que os sujeitos passam por retornarem de um dia de trabalho sem

produção; e por fim, o risco de ficar impossibilitado de trabalhar por este mesmo motivo, para aqueles pescadores que trabalham em jangadas e barcos de terceiros. O que reforça a prevalência da resistência do real nesse trabalhar, materializada em diversas situações de obstrução dos processos de trabalho (Dashtipour; Vidaillet, 2017).

Outro fator que contribui para o caráter perigoso do trabalho exercido por esses sujeitos é a precariedade das embarcações usadas, sendo muitas delas ainda construídas com isopor e madeira reutilizada em sua estrutura. No relato de Yosef, ele diz: “Às vezes, esse tipo de embarcação aqui, ela afunda”. Isso ocorre, conforme outras entrevistas, por causa de furos na madeira e do emborcamento das jangadas pela ação dos ventos.

Agravante, ainda, é o risco de acidentes, principalmente durante à noite, causados pelo choque contra navios e outras embarcações de grande porte. O pescador Noah, inclusive, aponta em seu relato que: “Morreu muito pescador, morreu muita gente” assim. O que, de fato, mostrou-se bastante comum nas histórias de vida dos entrevistados nesta pesquisa, que convivem com o luto pela perda de irmãos, tios e primos e também com o medo persistente de perderem a própria vida (Phillipos). Essa realidade, indicativa de sofrimento, foi identificada nas histórias de sete pescadores.

Esse irmão que eu estou citando hoje... ele pescou muito e perdeu a vida no mar. Ele perdeu. Ele e mais três companheiros, nunca encontramos os corpos. A navegação dele hoje está lá em [nome da cidade]. Nós não fomos buscar por falta de condições. Foi o que aconteceu com meu irmão, eles viraram [a embarcação] e a água afunda, porque tem a posição no mar que não bota nada pra terra, só cada vez mais pra dentro do mar (Pescador Jetro).

No tempo do meu pai, morreu um senhor. Ele morreu enganchado na jangada. Meu pai me disse que *via* os gritos dele, mas o mar era tão bravo, não deu tempo de acudir. Era um senhor mais idoso, e aí não teve como ele resistir. E, infelizmente, os companheiros viram ele afundar (Pescador Lewi).

Na visão de alguém que viu um parente sair para pescar e “nunca mais voltou” (Jetro), o fazer-se sujeito a partir do trabalho encontra barreiras que contribuem para a própria despersonalização. Os perigos e as incertezas que a imprevisibilidade do trabalho real impõem ao sujeito pescador não somente impedem o sucesso de uma pescaria, mas levam a um estado de desfavorecimento da saúde mental e física do trabalhador (Dejours, 1998; Deranty, 2009; Marks, 2020; Areosa, 2021). Como seguir sendo pescador, se o mar que é fonte de sustento e sobrevivência é o mesmo que maltrata o corpo e a mente? Se o mar, que é rico em vida, é o mesmo que a tira?

Tamanha ambiguidade singulariza a complexa realidade em que são construídas as identidades e as vivências profissionais dos pescadores entrevistados nesta pesquisa. Ao longo das análises, foram inúmeros os trechos em que os sujeitos manifestaram uma

dualidade constante acerca da continuidade de suas atividades no mar, seja através de um sentimento de *aprisionamento à pesca* (pela inexistência de outras oportunidades profissionais) seja pela necessidade de enfrentar os perigos para garantir sua sobrevivência, mesmo que, por meio disso, arrisque a própria vida. Continuar vai além do “é preciso”, pois está entrelaçado a: “Não tem outro trabalho. O pescador só sabe pescar mesmo” (Noah).

A seguir, os trechos destacados ilustram melhor essa discussão:

Ah, já sofri... levar vento demais e muita chuva demais, dizer que nem ia mais pro mar: ‘Meu pai do céu, me bote em terra que nunca mais eu venho pra esse mar e tal’, e aí eu volto de novo. O cara diz isso aí, porque tá no sufoco, com a chuva medonha, vendo só água e céu (Pescador Noah).

Às vezes, é o vento forte, às vezes chuva, as intempéries da natureza, né?! E você não consegue uma boa produção, só sofrimento. Diz: ‘tão cedo eu não venho mais’ ou então ‘não venho mais’. Às vezes no outro dia tu não vai, mas no dia seguinte você já está no ponto pra ir de novo (Pescador Hazáq).

De tanto maltratar o pescador, o convívio com a insegurança, enraizado em riscos ambientais e ergonômicos, e as incertezas são situações que o fazem pensar em desistir da profissão. Além do que, foi relatado por Hazáq a inexatidão sobre o retorno para terra firme, que também é um motivador desse sentimento de querer desistir, e traz à tona o que foi expresso por Dejours (2012) de que trabalhar é, em primeiro caso, fracassar, mas também mostrar-se capaz de suportar esse fracasso. Esse conflito é ainda narrado nos seguintes trechos: “A gente, toda viagem sai, o dia a dia a gente vai, a gente sabe que vai, mas que volta, não” (Petros); e “Já sofri muito por esse mar *vêio* de meu Deus, com vento, com chuva, dizendo que não volto mais pro meu trabalho, mas a pessoa é obrigada a voltar” (Noah).

O trabalho psíquico (*arbeit*) é fundamental em situações como esta, porque é ele que orienta o trabalhador a “descansar a cabeça” (Noah) e a “agir com frieza, como que nada esteja acontecendo” (Yosef), como uma ação de acessar a estratégia defensiva no enfrentamento dos desafios presentes no trabalho. Lidar com o mar é exaustivo, cansa o corpo e a mente, mas, conforme os relatos, ensina que é preciso “manter a calma” (Elijah) e “botar a cabeça pra pensar” (Phillipos). É a partir da experiência que o sujeito cria memórias de como deve se comportar em situações específicas.

Por fim, entende-se que o cansaço físico extremo na rotina dos pescadores é algo que extrapola a seara das habilidades no trabalho, não porque seja inexistente uma relação duradoura e perseverante do corpo com a tarefa, mas sim porque a produção e o próprio



pescador são subjugados por uma força maior, que é o mar. O mar possui vontade própria, impõe restrições à atividade pesqueira e ameaça o fazer-se sujeito a partir do trabalho.

4.3 Liberdade, Aventura e Esporte: “*Eu gosto do mar, é o meu esporte predileto pra melhor lhe dizer*”

Apesar das condições de trabalho severas, os pescadores entrevistados neste estudo continuam em suas atividades diárias, porque também encontram no mar um espaço de liberdade e pertencimento, cujo núcleo é a própria natureza do trabalho que conhecem desde a infância. Ao refletir acerca daquilo que mais valoriza na pesca artesanal, Yosef declarou: “A gente tem aquela liberdade de ir e vir na hora que quer, porque nós somos trabalhadores libertos”.

A liberdade descrita pelo Yosef pode ser explicada de duas maneiras: a primeira delas se refere à ausência de patrão e à possibilidade de criar os próprios horários de trabalho, conforme foi detalhado por Lewi: “Tem trabalho no mar que a gente se cansa muito, mas a liberdade é melhor do que você tá trabalhando em qualquer canto de carteira assinada. Pra mim, trabalhar no mar é uma liberdade muito grande”; e Stephanus: “É muito prazeroso estar no mar. Por não ter a figura do patrão. Você tá fazendo ali, sendo seu próprio patrão, né?! Não tem que estar aguentando abuso de ninguém”. Stephanus ainda acrescenta que não se vê fora da pesca artesanal “pela liberdade em si”. É o que os autores Trimble e Johnson (2013) classificaram como “liberdade intrínseca” ao pescador.

A outra explicação se refere ao sossego que esses profissionais encontram na praia e, até mesmo, em alto-mar, quando este fica mais calmo, sem ondas (“como uma lagoa” – Elazar). Sobre isso, Elijah comentou: “Porque aqui você trabalha em um lugar sossegado. O meu escritório é na praia. E eu vivo por todo o tempo aqui. Quando eu não tô pescando no mar, eu tô aqui”. Outro pescador, Noah, revela uma descoberta acerca das sensações experienciadas no mar, em que até o sabor do peixe é melhor do que em terra firme, conforme o trecho destacado a seguir:

É bom, que a gente se distrai. A gente tando no mar, o mar não tem doença, o mar é só vento livre. Só a brisa do mar. De noite, aquele vento só na água e não tem mau cheiro, não tem mais nada. Você vê que no mar você come um peixe, lava as mãos e não fede a peixe, não fede a nada. Aqui em terra, você come um peixe, se não sair bem lavado, diz ‘ô catinga de peixe’ (Pescador Noah).

Dessa fala, até mesmo o vento passa a ser associado à liberdade, quando ocorre o processo de sublimação, despertando prazer no sujeito (Alderson, 2004). Isto é, mesmo

sendo responsável, muitas vezes, pela vivência de uma “penitência medonha” (Dawid), o vento é “o coração do mar” (Hazáq) e consegue proporcionar vivências de escapismo e relaxamento, de forma similar ao que foi encontrado no contexto analisado por Young *et al.* (2016). Mas, não é somente o vento que desperta tal satisfação. O mar possibilita interações únicas entre os pescadores e animais marinhos, como baleias e golfinhos, que dividem, por alguns instantes – mesmo em situações de perigo – a liberdade da vida selvagem.

Aí, eu observei que no mar tinha alguma coisa diferente. Assim, eu vi que quando a onda subia, tinha umas manchas que ia de um lado pro outro e depois queria subir... Aí eu saí pra observar e disse [aos colegas de embarcação] ‘gente, vai ali umas quatro baleias!’. E eu achei demais, o pescador ver uma beleza dessas! É bonitinho demais. Uma vez também, foi só uma vez mesmo, nós íamos no barco e o golfinho ia pulando na frente (Pescador Lewi).

E foi um prazer muito grande, assim, de repente. A gente tava afundiado e bem pertinho passou uma baleia. Eu nunca tinha visto, só tinha visto em foto, mas naquele momento, ela brincando. Eu só vi foi aquele *brancão*, aquele peixeão, aí eu falei: ‘Meu Deus do céu!’. Você fica, assim, maravilhado e esquece que você tá pescando e só quer ver é o peixeão (Pescador Stephanus).

Esses achados estão em acordo com os artigos de Trimble e Johnson (2013), da Silva Machado *et al.* (2019) e Seminara *et al.* (2019), no que se refere à identificação de uma relação positiva entre o pescador e os cetáceos em alto-mar. Entretanto, essa constatação não exclui a vivência de acidentes e outras interações negativas com esses e outros animais, haja vista o relato dos pescadores sobre familiares e colegas acerca de mordidas, cortes, ataques de tubarão ou choque contra as embarcações.

Ainda neste tema, foram agrupadas passagens das entrevistas em que se têm os pescadores refletindo sobre suas trajetórias na pesca artesanal, com um senso de realização e felicidade por terem, na vida, nascido pescadores. Sim, é, conforme visto anteriormente, uma paixão hereditária que parece neutralizar muito daquilo que faz mal. É liberdade e aventura, mas é também honra e alegria, portanto, ultrapassando barreiras do contexto de trabalho que podem afetar o aparelho psíquico (Dejours, 1992). É o que se pode depreender através das seguintes histórias:

É aquela coisa: a gente não bota isso [os perigos] na mente da gente. A gente leva como se fosse um esporte. A gente vai para o trabalho, vai trabalhar, pronto. Mas aí, lá dentro, é que tem uns imprevistos e dificuldades. Mas você aprende aos poucos. Comecei a pescar e fui aprendendo. A minha profissão é a minha profissão, não troco ela por nada. É uma profissão que ninguém é obrigado a ninguém, só vou se eu quiser (Pescador Petros).

O pescador é um trabalhador que, desde novo, ele se acostuma no mar. Você vai pro mar com qualquer problema na cabeça, quando você chega lá, você se esquece de tudo, só pensa no peixe. Aí, pra mim, eu acho muito bom, porque



ele tira o meu estresse. É bom demais, você vai e se renova. Eu gosto do mar, é o meu esporte predileto, pra melhor lhe dizer (Pescador Elazar).

Em adição, os pescadores falam da pesca artesanal como uma aventura pelo senso de novidade que cada dia oferece, pois são muitas as incertezas que o mar impõe. Aqui, diferente do que se discutiu no segundo tema, há a perspectiva de que, no final das contas, o trabalho é como um *esporte*, um dia se perde e no outro se ganha. Gostar do que se faz é, de certa maneira, o que permite essa realidade, que traduz o sentimento de pertencimento em algo que extrapola as fronteiras da prescrição, formando as bases de uma identidade profissional reforçada.

4.4 Herança Cultural: “*As nove noites de novena era a coisa mais linda do mundo*”

Trabalhar é também fazer parte da construção de um legado histórico e cultural que contribui para o revigoramento da singularidade do sujeito (Freitas *et al.*, 2014) e para testificar, de diferentes maneiras, as transformações pelas quais passa um lugar. Outrossim, é de saberes práticos e das experiências compartilhadas pelo coletivo (Areosa, 2019) que se materializam as representações da *herança cultural* identificadas nas entrelinhas dos dados coletados. Essas podem ser agrupadas nos seguintes subtemas de análise: i) festejos, ii) comidas e iii) instrumentos e modos de trabalho.

Nas reminiscências de Jetro, a praia do Mucuripe se apresentou como um sinônimo “das coisas mais lindas do mundo”; um espaço para os pescadores envelhecerem e permanecerem, “lembrando e divulgando a importância do pescador artesanal” para a cidade de Fortaleza. Hoje, a memória guarda, com saudades, a festa da saúde, as nove noites de novena, a regata do Dragão do Mar, com navegações de panos abertos, e tudo aquilo que trazia “muito parque, muita comida e muita brincadeira”. Com as palavras de Noah: “Não tem um mar que nem esse nosso aqui do Mucuripe”.

A licença poética traz à mente versos da canção de Belchior e Fagner (1970), simbolizando não só os vestígios nostálgicos na história de vida dos pescadores, mas também ilustrando a própria experiência no campo de pesquisa: “As velas do Mucuripe vão sair para pescar. Vou levar as minhas mágoas pras águas fundas do mar”. Como revelam os relatos, a pesca artesanal ainda leva, todos os dias, essas velas para pescar: “Eu sou pescador... Eu sou navegador do planeta!”, palavras de Jetro ao narrar a trajetória de um jangadeiro que partiu do porto do Mucuripe para encontrar o presidente Garrastazu Médici, no Rio de Janeiro, e clamar pelo direito de aposentadoria do pescador artesanal.

O trecho a seguir resume a história real que Jetro contou com lágrimas nos olhos:

O pescador só se aposenta com 60 anos, por causa de um jangadeiro. Ele se aventurou daqui pro Rio de Janeiro à vela. Passou 126 dias navegando pra chegar lá e falar com o presidente. Na época, era o Garrastazu Médici. Isso foi em 70, por aí. Uma peça dessa história tá no Mercado dos Peixes, junto com um retrato dele, Erenilton Severiano, o nome. No Youtube, você puxa lá que você vai na história dele, ‘o último jangadeiro’. [...] Quando chegou lá, no destino dele, muita gente tem a filmagem. Se você visse a navegação, era uma jangada de quatro paus juntos e que se chamava ‘jangada de piúba’, na época. Ele encontrou o presidente e ele perguntou o que foi que ele veio fazer. Aí o pescador disse assim: ‘O pescador tem dois peixes, um é dele e dois são do dono da embarcação’. Mas ele foi também pedir a aposentadoria do pescador com 60 anos. E conseguiu. O presidente disse assim: ‘Se está errado, vamos consertar’ (Pescador Jetro).

Outra manifestação cultural identificada nas histórias de vida dos pescadores está relacionada aos hábitos alimentares desses profissionais, principalmente quando estão em alto-mar. O pirão de peixe é “coisa que o dinheiro não paga” (Zion). Lewi chegou a dizer que ir para o mar e não comer pirão é o mesmo que não ter ido (“Não tendo pirão, pra mim eu não fui no mar”). A alimentação é também uma aliada do “momento de prosa” (Stephanus) durante a pesca e foi considerada um ponto de fortalecimento do trabalho coletivo na pesca artesanal, aliando-se aos vínculos que têm como cerne o compartilhamento do pescado (entre pescadores e moradores de toda a praia).

O apreço pelo pirão e pelo próprio peixe acompanha as gerações, tendo sido identificados nos relatos de pescadores com diferentes idades; de Lewi (39) a Noah (67). Ainda, conforme já destacado, a maior parte dos entrevistados disse que o sabor do peixe é melhor e mais gostoso quando consumido no mar, fresco, recém-pescado. Na entrevista de Elazar, ele contou que: “De manhãzinha, você sai de casa, leva um quilo de farinha, um cheiro verde, um leva cebola, outro leva tomate. Tem um fogão na minha embarcação, um fogareiro, a gente faz o pirão lá, é bom demais! Você sai em cima da natureza, come um peixe que acaba de pescar. É bom demais”.

No que se refere aos instrumentos e modos de trabalho, identificou-se que junto à vocação, os filhos herdam de seus pais conhecimentos e costumes ancestrais, próprios da atividade pesqueira, que sobrevivem à ação do tempo e ao advento das novas tecnologias. É o caso, por exemplo, da orientação pelos astros, que até os dias atuais ainda é utilizada – “Meu pai sabia tudo sobre os astros. Só no astro você acerta e pega peixe” (Elazar) –, substituindo o GPS. Outros exemplos disso são: Noah fala sobre uma bússola de coco (espécie de sinalizador) que é “acendida” (em brasas de carvão), quando surge um navio à noite na direção das jangadas e de embarcações menores; e a utilização do samburá e do manzoá (tipos de armadilhas em forma de cesto) para a captura de vários peixes.

Sobre o assunto, Lewi afirmou: “A teoria é o que meu pai ensinou”. Todavia, esse ensinamento “paternal” não aconteceu para todos os pescadores, conforme relatado em:

O pescador, o Mestre, nunca quer ensinar tudo, porque tem medo de perder a maestria dele. Você vê que na história tinha o gato e a tigre. A tigre era bonitona e dava os pulos dela, mas dizia: ‘Esse filho da mãe desse gato dá pulos mais bonitos que eu, eu vou enganar ele’. Aí o gato ensinou os pulos pra onça. Aí ela... ‘Hoje eu pego ele’. Quando ela armou uma emboscada e chegou na frente dele, quando ela deu uma abocanhada, o gato deu um mortal pra trás. E ela não pegou ele... ‘Por que você não me ensinou esse pulo?’, a onça perguntou. Aí o gato disse: ‘Se eu tivesse ensinado, tu tinha me comido’. É esse o jeito do pescador, ele não ensina tudo (Pescador Elazar).

Através dessa parábola, Elazar compara o mestre, o que guia a navegação, à onça que não quer perder o seu espaço. O que sinaliza um dos poucos momentos de domínio das prescrições no trabalhar desses profissionais. É a hierarquia assumindo o controle e minando o campo das relações de trabalho, ao mesmo tempo que enfraquece a coletividade, outrora sinônimo de solidariedade e amizade.

Por fim, foi identificada outra ameaça ainda mais grave a esta herança cultural, cujo reflexo é relatado por Hazáq em: “Há poucos pescadores jovens dessa nova geração”. No contexto investigado, o futuro da atividade pesqueira artesanal está ameaçado pela instalação dos parques de energia eólica, tanto *onshore*, como *offshore*. Aproveita-se o espaço desta pesquisa para dar voz a esses profissionais que têm sido calados e invisibilizados nas discussões sobre a transição energética no Brasil.

Como a questão dessas torres eólicas em cima das dunas, que não é permitido se derrubar uma duna. Não é permitido tirar uma vegetação dessas que têm em cima delas, mas aí chega uma empresa dessa e mete máquina, soterra a lagoa e a passagem de água, derruba as dunas que servem de marcação para as posições de pesca do pescador, nem todos têm um GPS. Então, se orientam pelas dunas. E aí essas empresas chegam e derrubam tudo. Eu não sou contra o desenvolvimento não. Mas que critérios vão ser levados em consideração pra implantar isso aí? E aí essa energia limpa, que eles dizem, vai servir pra quem? Porque é produzida aqui e levada pra fora... (Pescador Hazáq).

Assim, não é somente uma atividade econômica que se encontra fragilizada ou sob o risco de desaparecer, mas toda uma comunidade de profissionais que sobrevive do mar e necessita do ambiente das praias em sua essência e integralidade. Mas a realidade é que “Está cada vez mais complicado. E a galerinha mais nova só se desanima” (Hazáq).

4.5 Espiritualidade: “O pescador é uma pessoa feliz que andou com Jesus”

A espiritualidade é acionada como uma estratégia defensiva pelos pescadores, quando evocam a Deus e outras divindades para enfrentar os riscos de vida no trabalho. A seleção das narrativas acerca dessa dinâmica vai além de expressões populares

(como “graças a Deus”) para representar e descrever a crença de que existe algo sobrenatural guiando esses sujeitos em suas atividades no mar. As histórias coletadas contam desde livramentos de morte por ação divina a encontros com entidades místicas em momentos de adversidade, como o santo nomeado João Pescador e os “encantados”.

De início, destacam-se os seguintes trechos das entrevistas:

Deus é meu navegador! É aquele Pai Divino que eu tenho, é Ele. Eu sempre penso em gente que não tem fé, de gente que diz que Deus não existe... Deus é vivo! Deus é vivo! Eu não sei ler, mas no meu modo de vida, eu só coloquei minha vida naquele Pai divino... Eu só saio daqui nas mãos d’Ele. Nas viagens de noite eu digo: ‘Tá nas suas mãos, meu Pai’ (Pescador Noah).

Ajuda, João Pescador. A gente tá pegando nada, João Pescador. Hoje eu não vou levar nada pro seco. João Pescador é um homem que morreu no alto-mar, que ele ajuda as pessoas. É um santo. É que no mar, quem vai ajudar é os encantados, é quem já morreu no mar e aparece boiando. Às vezes, a gente tá aqui e passa uma jangada cheia de gente [espíritos] (Pescador Dawid).

Do relato de Dawid, identifica-se outro tipo de ajuda, que é o socorro referente ao trabalho de produção. Com “...não vou levar nada pro seco”, Dawid apela para o João Pescador prover algum peixe, para ele não retornar à praia (o seco) com as mãos vazias. Aliado a isso, Dawid narra, em um momento posterior da entrevista, que em situações como esta também é preciso “falar o nome de Deus”, porque Ele “dá um jeito pra chegar junto nas coisas com a gente”.

Nas narrativas de Jetro, Petros, Yosef, Noah, Elazar, Zion, Dawid, Elijah, Stephanus e Evágon, a espiritualidade é observada como uma dinâmica de gratidão, em que Deus é um “bom pai”, “é vivo” e “paizinho divino do céu” (Noah e Elijah). Além disso, Deus pode ainda ser descrito como um Senhor do destino desses pescadores, em que tudo depende da sua vontade, desde as condições climáticas até o bom funcionamento das embarcações e a qualidade e quantidade da pescaria. É o que foi ressaltado, por exemplo, na seguinte fala de Petros: “Infelizmente, acontecem os imprevistos da vontade de Deus, né?! É a vontade de Deus, porque se dependesse da gente, era todo dia o vento bem levezinho, a gente ia e pronto”. Ainda, Elazar confirma que só vai “deixar de pescar, quando Deus quiser”, confiando ao “pai divino” não só o seu presente, mas, especialmente, o seu futuro profissional.

Assim, o Deus desses trabalhadores do mar é piedoso (Yosef), criador de tudo (Zion), autor da fé (Noah) e socorro bem presente nos momentos de prova desde os tempos de Jesus, conforme foi narrado por Elazar, fazendo referência a uma passagem bíblica:

Deus faz o que ninguém sabe fazer. Tu pode ver que desde o início do mundo o pescador andou com Deus. Pedro estava em um barco, quando ele viu o

Senhor andando por cima das águas e falou assim: ‘Senhor, é tu mesmo?!’. Aí, o Senhor respondeu dizendo que era Ele mesmo... ‘Então, deixa eu andar com você?’, Pedro perguntou depois, mas aí não confiou no Senhor e começou a afundar. Até nisso o homem não acreditou, e Jesus era conhecido dele... Mas pra Jesus não tinha tempo ruim não. Não, porque ele enfrentava a tempestade e tudo. É por isso que eu lhe digo que o pescador é uma pessoa feliz que andou com Jesus (Pescador Elazar).

Enfim, apesar do sofrimento vivenciado devido às condições de um trabalho perigoso e incerto e do adoecimento aos quais esses profissionais estão expostos, é no trabalho *poiésis* que os pescadores entrevistados ancoram o prazer que, muitas vezes, está alicerçado pelo dinamismo da gratidão a Deus e pela herança cultural que permeiam as relações sociais e o trabalhar essencialmente coletivo.

4.6 Narrativa totalizante

Na análise do trabalhar nos dois primeiros temas, sobressaiu-se o importante papel do par dialético *poiésis* e *arbeit*, em que o segundo é acionado como um mecanismo para superar obstruções causadas pela resistência do real no trabalho de produção. Enquanto o trabalho de gerações revela um valor artístico da pesca artesanal – contribuindo para a autorrealização e o senso de pertencimento ao coletivo profissional –, o trabalho perigoso e incerto distancia os sujeitos dessa realidade, levando ao desfavorecimento da saúde mental e física, além da própria despersonalização do pescador diante das adversidades. Ao se considerar mais a fundo as categorias da PDT, pode-se associar o primeiro tema às vivências de prazer. Já o segundo abrange manifestações das vivências de sofrimento.

Conforme identificado, o prazer advindo da pesca surge ainda na infância, quando o indivíduo é inserido na prática pelo pai. O que começa inicialmente como um *hobby*, com o passar do tempo torna-se um exercício profissional propriamente dito, marcando a passagem para a vida adulta. Destaca-se, também, que o prazer é experienciado ao longo das trajetórias de vida quando a pesca é considerada em alto valor pelo seu papel como um meio de subsistência. Aparece, então, a dinâmica de gratidão de muitos dos entrevistados por não terem passado fome, porque do mar tiraram o alimento. Em oposição a isso, as vivências de sofrimento se amplificam e se tornam mais frequentes na fase adulta, na medida em que se fazem mais acentuadas experiências de frustração, medo, decepção, angústia e desamparo.

Quando esse sofrimento torna-se patogênico – seja pela ineficiência das estratégias defensivas, seja pela perduração da situação estressante e/ou da carga psíquica – surge o adoecimento. Com isso, identificou-se que os pescadores entrevistados nesta



pesquisa são mais afetados por doenças do corpo, quando comparadas com o adoecimento mental. Dentre elas, tem-se: perda da sensibilidade dos dedos das mãos (devido à exposição prolongada à água e ao frio); problemas na visão/cegueira (ocasionados pelo reflexo dos raios de Sol na água do mar); dores musculares, lesões nos ombros e hérnias de disco (devido ao levantamento de pesos e movimentos repetitivos); e pressão alta (ligada à má alimentação, incluindo a ingestão de alimentos muito salgados em alto-mar).

Dos outros pares dialéticos, prevaleceu o trabalho coletivo sobre o individual e o trabalho real sobre o trabalho prescrito. Nessa realidade, quando o trabalhar se confunde com um esporte – gerando um senso de aventura – as vivências dos pescadores tornam-se mais amenas e ainda criam um cenário de desafio, que atua positivamente na motivação destes sujeitos para o trabalho. Ademais, destacou-se o âmbito das condições e relações de trabalho sobre a organização, evidenciando a socialização, a cooperação e a solidariedade entre os profissionais, dentre outros investimentos afetivos.

Por fim, os últimos temas trazem elementos que caracterizam as histórias de vida dos treze participantes como um todo, inseridas em uma discussão cultural ampla. O escopo narrativo analisado trouxe à luz a profundidade com que as identidades dos pescadores estão intrinsecamente relacionadas ao contexto social em que se desenvolvem, revelando valores e costumes tradicionais compartilhados por indivíduos de diferentes idades. Em complemento, a espiritualidade é um elo de ligação que ajuda a preencher inúmeras lacunas no trabalho, fortalecendo os esforços de mobilização subjetiva.

5 Considerações finais

Este estudo buscou investigar as macrodimensões da PDT e as tipologias do trabalho por meio das histórias de vida de pescadores artesanais do Ceará. Assim, foram realizadas treze entrevistas com pescadores de nove praias do litoral cearense. As discussões partiram das motivações que levaram os sujeitos a ingressarem na pesca, revelando o papel fundamental da parentela em garantir a preservação de costumes e valores e a construção da identidade profissional das gerações que se seguem, passando pelos dilemas que representam crises no senso de pertencimento, para concluir a caracterização dessas narrativas com os elementos de mobilização subjetiva e transformação pessoal, revelando as minúcias dos investimentos psíquicos realizados diante da interação homem-trabalho na vida adulta.



As contribuições teóricas abrangem o aprofundamento sobre o tipo de trabalho realizado pelos pescadores artesanais em um cenário ameaçado, econômica e politicamente. Os modos de vida, embutidos na singularidade da tradição costeira e em um forte entrelaçamento cultural, expuseram, de forma ainda mais tangível, o emaranhado de conceitos que formam a Psicodinâmica do Trabalho. Isto é, o artigo ajuda a esclarecer a organização do trabalho, mostrando as vivências de sofrimento e prazer interconectadas com dinâmicas de gratidão e espiritualidade, além de estados críticos de adoecimentos mental e físico. Revelou-se, por conta disso, um espaço para discussões que possam contribuir para melhorar a situação de trabalho desses profissionais no contexto investigado.

O que sustenta o diferencial da pesquisa elaborada, cujo núcleo é a exposição de uma realidade muitas vezes negligenciada pelo poder público e pela sociedade civil, pode ser compreendido em dois pontos: i) o artigo ilustra como o trabalhar do pescador artesanal ocorre condicionado à ação de forças contraditórias, que ora permitem a realização e o desenvolvimento profissional, ora impõem ao sujeito a própria despersonalização; e ii) o artigo destaca o risco de haver uma ruptura geracional que poderá, muito em breve, reduzir o número de pescadores artesanais em exercício no estado do Ceará, trazendo não só desdobramentos econômicos, mas também políticos e socioculturais.

As limitações da pesquisa foram identificadas durante a coleta dos dados, em que algumas das entrevistas tiveram seus áudios danificados pela ação do vento, além de que o cenário de familiaridade com o ambiente das praias facilitou a distração dos entrevistados. O que apontou a fragilidade de uma escolha feita no método da pesquisa. Em acréscimo, identificou-se a posterior necessidade de incluir participantes pescadoras, demanda esta que surgiu após a vivência nas praias visitadas e não pôde ser atendida dentro do escopo programado. Na consideração desses apontamentos, sugere-se que estudos futuros atuem para transpor esses obstáculos, abrangendo também profissionais dos diferentes estados do país e de outros setores da Economia do Mar.

Referências

ABREU, J.S.; DI BENEDITO, A.P.M.; MARTINS, A.S.; ZAPPES, C.A. Pesca artesanal no município de Guarapari, estado do Espírito Santo: uma abordagem sobre a percepção de pescadores que atuam na pesca de pequena escala. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 32, p. 56-71, 2022.



ALDERSON, M. La psychodynamique du travail: objet, considérations épistémologiques, concepts et prémisses théoriques 1. **Santé Mentale au Québec**, Québec, v. 29, n. 1, p. 243-260, 2004.

ANNA, Z.; YUSUF, A. A.; ALISJAHBANA, A. S.; GHINA, A. A. Are fishermen happier? Evidence from a large-scale subjective well-being survey in a lower-middle-income country. **Marine Policy**, Amsterdam, v. 106, p. 1-10, 2019.

ANTLOGA, C. S.; MENDES, A. M.; MAIA, M. Pleasure and suffering at work: case study with employees at the administrative section of a construction material company in DF. **International Journal of Applied Psychology**, Rosemead, v. 2, n. 5, p. 110-118, 2012.

AREOSA, J. O mundo do trabalho em (re)análise: um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. **Laboreal**, Porto, v. 15, n. 2, p. 1-25, 2019.

AREOSA, J. Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 24, p. 321-330, 2021.

ARRUDA, E. A.; MATOS, F. de O.; MELO, J. B. de. Territórios ameaçados: pesca artesanal, saberes tradicionais e a política pesqueira no litoral cearense. **GEographia**, Niterói, v. 22, n. 55, p.1-20. 2023.

BEIRÃO, A. P.; MARQUES, M.; Ruschel, R. R. **O valor do mar**: uma visão integrada dos recursos do oceano do Brasil. 2. ed. São Paulo: Essential Idea Editora, 2020.

BELCHIOR; FAGNER, R. **Mucuripe**. Universal Music Ltda., 1973. 3:39.

BENNETT, N. J. Marine social science for the peopled seas. **Coastal Management**, London, v. 47, n. 2, p. 244-252, 2019.

BOVBJERG, V.E.; VAUGHAN, A.M.; SYRON, L.N.; JACOBSON, K.R.; PILLAI, S.; KINCL; L.D. Non-fatal injuries and injury treatment in the west coast Dungeness crab fishery. **Journal of Agromedicine**, Marshfield, v. 24, n. 4, p. 316-323, 2019.

CASELL, C.; BISHOP, V. Qualitative data analysis: Exploring themes, metaphors and stories. **European Management Review**, Hoboken, v. 16, n. 1, p. 195-207, 2019.

CAVANELLAS, L. B.; BRITO, J. Os desafios do cuidado em situações-limite: as dramáticas da atividade no trabalho humanitário. **Laboreal**, Porto, v. 15, n. 2, p. 1-27, 2019.

CHEN, Q.; SU, H.; YU, X.; HU, Q. Livelihood vulnerability of marine fishermen to multi-stresses under the vessel buyback and fishermen transfer programs in China: the case of Zhoushan City, Zhejiang Province. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basileia, v. 17, n. 3, p. 1-17, 2020.

CIOŁEK, D. *et al.* The perspective of Polish fishermen on maritime spatial planning. **Ocean & Coastal Management**, London, v. 166, p. 113-124, 2018.

CORNEJO, M.; MENDOZA, F.; ROJAS, R. C. La investigación con relatos de vida: pistas y opciones del diseño metodológico. **Psyke**, Santiago, v. 17, n. 1, p. 29-39, 2008.

CYPRESS, B. Qualitative research methods: A phenomenological focus. **Dimensions of Critical Care Nursing**, Philadelphia, v. 37, n. 6, p. 302-309, 2018.



DA SILVA, T. E.; DA SILVA, M. R. F. A pesca, os pescadores e o etnoconhecimento da reserva de desenvolvimento sustentável estadual Ponta do Tubarão (RN) – Brasil. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 38, n. 1, p. 56-72, 2020.

DA SILVA MACHADO, A. M., DAURA-JORGE, F.G., HERBST, D.F., SIMÕES-LOPES, P.C., INGRAM, S.N., CASTILHO, P.V., PERONI, N. Artisanal fishers' perceptions of the ecosystem services derived from a dolphin-human cooperative fishing interaction in southern Brazil. **Ocean & Coastal Management**, London, v. 173, p. 148-156, 2019.

DASHTIPOUR, P.; VIDAILLET, B. Work as affective experience: the contribution of Christophe Dejours' psychodynamics of work'. **Organization**, London, v. 24, n. 1, p. 18-35, 2017.

DAVIS, M. E. Perceptions of occupational risk by US commercial fishermen. **Marine Policy**, Amsterdam, v. 36, n. 1, p. 28-33, 2012.

DEJOURS, C. **Investigaciones psicoanalíticas sobre el cuerpo**: supresión y subversión en psicossomática. Ciudad del Mexico. Siglo XXI, 1992.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de Psicopatologia do Trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Production**, São Paulo, v. 14, p. 27-34, 2004.

DEJOURS, C. Subjectivity, Work, and Action. **Critical Horizons**, London, v. 7, n. 1, p. 45-62, 2007.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2007.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, 2012.

DEJOURS, C. **Trabalho vivo**: trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo, 2012.

DEJOURS, C. A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, Lisboa, v. 33, n. 2, p. 9-28, 2013.

DEJOURS, C. Travail, précarisation et subjectivité. **Travailler**, Paris, v. 2, p. 195-214, 2020.

DERANTY, JP. What is work? Key insights from the psychodynamics of work. **Thesis Eleven**, London, v. 98, n. 1, p. 69-87, 2009.

DOZA S.; BOVBJERG, V. E.; VAUGHAN, A.; NAHORNIAK, J. S.; CASE, S.; KINCL, L. D. Health-related exposures and conditions among US fishermen. **Journal of Agromedicine**, Marshfield, v. 27, n. 3, p. 284-291, 2022.

EUROFISH MAGAZINE. **Issue 5 2023** (September / October). Disponível em: <https://eurofish.dk/magazine-issues/em-5-2023/>. Acesso em: 19 set. 2024.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. **Trabalho e riscos de adoecimento**: o caso dos auditores-fiscais da previdência. Brasília: LPA Edições, 2003.



FERREIRA, J. B. Quantos anos de solidão? Violência, assédio moral e paralisia das formas de vida no trabalho. In: FARAH, B. L. (Org.). **Assédio moral e organizacional: novas modulações do sofrimento psíquico nas empresas contemporâneas**. São Paulo: LTr Editora, 2016.

FRANTZESKOU, E.; JENSEN, O.; LINOS, A. Prevalence of health risk factors among fishermen: a review. **Occupational Medicine & Health Affairs**, v. 2, n. 2, p. 157, p. 1-4, 2014.

FREITAS, L. G.; AUGUSTO, M. M.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, 2014.

GEMELLI, C. E.; OLTRAMARI, A. P. Voluntariado e formação da identidade: reflexões a partir da Psicodinâmica do Trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 956-962, 2020.

GERNET, I. Actualités de la recherche en psychodynamique du travail: new developments in research in the field of psychodynamics of work. Annales Médico-psychologiques, **Revue Psychiatrique**, Paris, v. 174, n. 7, p. 602-605, 2016.

GIRON-NAVA, A.; LAM, V. W. Y.; ABURTO-OROPEZA, O.; CHEUNG, W. W. L.; HALPERN, B. S.; SUMAILA, U. R.; CISNEROS-MONTEMAYOR, A. M. Sustainable fisheries are essential but not enough to ensure well-being for the world's fishers. **Fish and Fisheries**, Oxford, v. 22, n. 4, p. 812-821, 2021.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Production**, São José dos Campos, v. 14, p. 77-86, 2004.

HERRERA, J. D. Los métodos de investigación: entre la reflexividad y la construcción de lo social. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 275-288, 2016.

HOLLAND, D. S.; ABBOTT, J. K.; NORMAN, K. E. Fishing to live or living to fish: Job satisfaction and identity of west coast fishermen. **Ambio**, Stockholm, v. 49, p. 628-639, 2020.

HUSBAND, G. Ethical data collection and recognizing the impact of semi-structured interviews on research respondents. **Education Sciences**, Basel, v. 10, n. 8, p. 206, 2020.

KARIMAH, R. A.; PUSPITAWATI, H. The influence of gender roles and coping strategies to the fishermen's family happiness index. **Journal of Family Sciences**, Bogor, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2020.

LARAQUI, O.; MANAR, N.; LARAQUI, S.; GHAILAN, T.; DESCHAMPS, F.; HAMMOUDA, R.; LARAQUI, C.E.H. Prevalence of skin diseases amongst Moroccan fishermen. **International Maritime Health**, Gdańsk, v. 69, n. 1, p. 22-27, 2018.

MARKS, J. The psychodynamic analysis of work. **Modern & Contemporary France**, London, v. 28, n. 3, p. 291-307, 2020.

MARTINS, S. R.; MENDES, A. M. Espaço coletivo de discussão: a clínica psicodinâmica do trabalho como ação de resistência. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 171-183, 2012.



MARTINS, A. M.; SALES, O. P.; DA SILVA MACIEL, E. Educação em Saúde de Pescadores Artesanais para Prevenção de Parasitoses Intestinais. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 365-369, 2022.

MESQUITA, E. M. C.; ISAAC-NAHUM, V. J. Traditional knowledge and artisanal fishing technology on the Xingu River in Pará, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, v. 75, p. 138-157, 2015.

NOGUEIRA, M. L. M. BARROS, V. A. De; ARAUJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

ØSTERGAARD, H.; JEPSEN, J. R.; BERG-BECKHOFF, G. The workload of fishermen: a cross-sectional survey among Danish commercial fishermen. **International Maritime Health**, Gdańsk, v. 67, n. 2, p. 97-103, 2016.

PEIXE BR. **Anuário Peixe BR da Piscicultura**, 2023.

RAMALHO, C. W. N.; DOS SANTOS, A. P. Particularidades do pertencimento na pesca artesanal embarcada. **Ciências Sociais Unisinos**, Guarulhos, v. 54, n. 2, p. 256-268, 2018.

ROCHA, R. V. C. da; PERITO, B. Z.; LAVARDA, R. A. B. Autonomous Actions that Emerge from Strategizing in the Preservation of Culture and Tradition of a Collective of Artisanal Fishers in Florianópolis - SC. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 29, p. 481-513, 2022.

SANTIAGO, K. M., LOUZADO-FELICIANO, P., BAUM, J., BAKALI, U., CABAN-MARTINEZ, A. J. Self-reported and objectively measured occupational exposures, health, and safety concerns among fishermen: A cross-sectional Fishing Industry Safety and Health (FISH) pilot study. **American Journal of Industrial Medicine**, New York, v. 64, n. 1, p. 58-69, 2021.

SEMINARA, C. I.; BARBOSA-FILHO, M. L. V.; PENDU, Y. L. Interactions between cetaceans and artisanal fishermen from Ilhéus, Bahia-Brazil. **Biota Neotropica**, Campinas, v. 19, n. 4, p. 1-13, 2019.

SHRESTHA, S.; SHRESTHA, B. BYGVRAA DA.; JENSEN, O. C. Risk assessment in artisanal fisheries in developing countries: a systematic review. **American Journal of Preventive Medicine**, Michigan, v. 62, n. 4, p. 255-264, 2022.

SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade do trabalho em questão. **Tempo Social**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2011.

TEH, L. CL *et al.* Are fishers poor? Getting to the bottom of marine fisheries income statistics. **Fish and Fisheries**, Hoboken, v. 21, n. 3, p. 471-482, 2020.

TRIMBLE, M.; JOHNSON, D. Artisanal fishing as an undesirable way of life? The implications for governance of fishers' wellbeing aspirations in coastal Uruguay and southeastern Brazil. **Marine Policy**, Amsterdam, v. 37, p. 37-44, 2013.

VIDIGAL, R. C. D. A. B. *et al.* Inovações para a pesca artesanal: subsídios para o desenvolvimento da atividade no Estado do Ceará. **Sistemas & Gestão**, São Paulo, v. 16, n. 3, 2021.

WEBER, V. O método biográfico na investigação das identidades profissionais docentes. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 43-56, 2019.



YOUNG, M. AL; FOALE, S.; BELLWOOD, D. R. Why do fishers fish? A cross-cultural examination of the motivations for fishing. **Marine Policy**, Amsterdam, v. 66, p. 114-123, 2016.

Recebido em: 21 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 18 de agosto de 2025.